



Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Economia – Núcleo de
Economia Industrial e da Tecnologia

Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial, Acompanhamento
Setorial, Panorama da Indústria e
Análise da Política Industrial

RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL

(Número 4):

TÊXTIL E CONFECCÃO

Coordenadores:

Cristiane Vianna Rauen

Célio Hiratuka

Colaboração:

Equipe de pesquisadores e bolsistas (NEIT/IE/UNICAMP)

Novembro de 2009

SUMÁRIO

1	Introdução.....	1
2	Caracterização e análise do desempenho recente da indústria têxtil e de confecção brasileira	2
2.1	Produção física.....	2
2.2	Emprego.....	4
2.3	Comércio Exterior.....	6
3	Conclusões	10
4	Referências bibliográficas	12

1 Introdução

O terceiro relatório de acompanhamento setorial da indústria têxtil e de confecções (Hiratuka e Cunha, 2009) avaliou o desempenho da indústria têxtil e de confecções brasileira diante da crise internacional, buscando mensurar seus efeitos sobre a produção física, o emprego e o comércio exterior brasileiro, entre os meses de outubro de 2008 e março de 2009.

Revelou-se que a produção física e o emprego acompanharam a tendência dos impactos da crise observada para o total da indústria de transformação, com quedas abruptas a partir do último trimestre de 2008 (momento do início da crise internacional). No caso da indústria têxtil e de confecções essas quedas estiveram relacionadas, principalmente, à forte retração da demanda interna.

Com relação à produção física, observou-se, no último trimestre de 2008, queda de 8,8% na produção do segmento têxtil e de 4,2% na produção do segmento de vestuário e acessórios, quando comparado ao mesmo período de 2007. No primeiro trimestre de 2009, as reduções na produção física se ampliaram, impactando mais fortemente o segmento de vestuário (-13,6%, em relação ao primeiro trimestre de 2008), enquanto que, no segmento têxtil, a redução da produção física no primeiro trimestre de 2009 foi de -10,6%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Além de ser um período atípico, uma vez que as taxas de crescimento da produção física de toda a indústria brasileira foram historicamente superiores em 2008, a magnitude dos dados é também reflexo da contração do crédito internacional e da diminuição da demanda interna.

O emprego formal também foi fortemente impactado pelo início da crise. Dados do último trimestre de 2008 mostraram perdas de mais de 12 mil postos de trabalho no segmento têxtil e de mais de 19 mil no segmento de confecções. No primeiro trimestre de 2009, as quedas foram menores em comparação ao quarto trimestre de 2008, mas ainda assim, elevadas: perda de 5 mil vagas nos dois segmentos.

Já com relação aos dados de comércio exterior, apesar de ter causado forte retração na demanda externa, a crise internacional não propiciou uma redução relativamente superior da demanda interna, fazendo com que, mesmo em meio à crise, a balança comercial brasileira ainda apresentasse déficit. Ainda assim, no primeiro trimestre de 2009, foi registrado um déficit comercial acumulado 7% menor do que o observado no mesmo período de 2008, resultado da contração de 20% das exportações e de 15% das importações.

Além disso, o aumento da concorrência dos produtos têxteis e de confecção asiáticos foi apontado como a principal preocupação dos representantes do setor em relação à crise econômica mundial, uma vez que essas economias, principalmente a China, têm buscado ajustar-se à retração da demanda dos países desenvolvidos explorando os mercados de países emergentes, como o Brasil.

Este quarto relatório avalia o desempenho mais recente da indústria têxtil e de confecções brasileira buscando mensurar os efeitos da crise internacional sobre a produção física, o emprego e o comércio exterior, desde final de 2008 até o terceiro trimestre de 2009. A principal motivação da análise é identificar como essa indústria vem se adaptando aos estrangulamentos advindos da crise internacional, depois de quase três trimestres após o seu início.

2 Caracterização e análise do desempenho recente da indústria têxtil e de confecção brasileira

A crise internacional afetou intensamente a dinâmica econômica do País. Diversos setores da indústria tiveram seus níveis de atividade bastante reduzidos, especialmente aqueles setores mais dependentes do comportamento dos gastos de consumo e da disponibilidade de crédito, como a indústria têxtil e de confecções.

Este segundo item do quarto relatório setorial analisa os impactos da crise internacional na variação da produção física, na capacidade de geração de emprego e no comércio exterior desta indústria, no período compreendido entre o final de 2008 e o mês de setembro de 2009. Para tanto, serão analisados dados das atividades industriais desta indústria advindos da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (do IBGE), dados de emprego advindos da Relação Anual de Informações Sociais e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (do MTE), além de dados de comércio externo advindos da Secretaria de Comércio Exterior (do MDIC).

2.1 Produção física

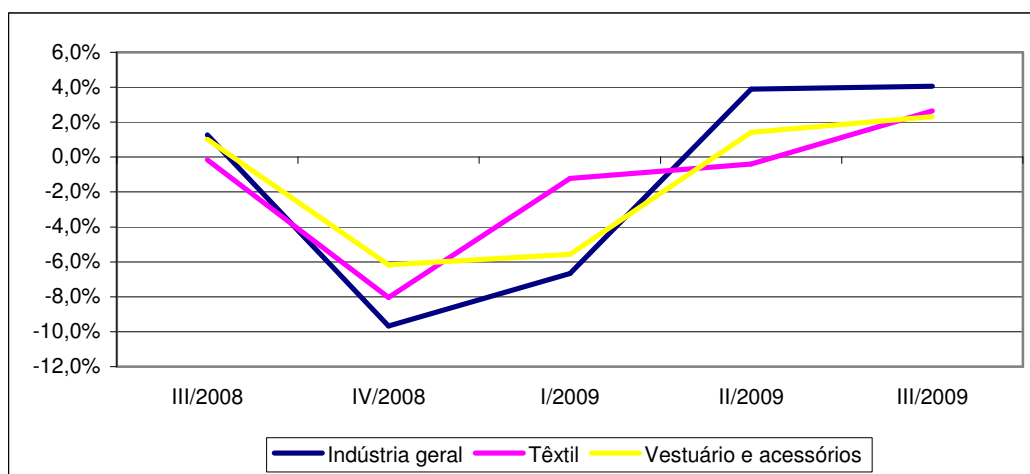
A produção física da indústria têxtil e de confecções, assim como a do total da indústria brasileira, foi fortemente afetada com o início da crise internacional. Entre o terceiro e o quarto trimestre de 2008, a variação da produção física atingiu a sua maior queda entre todo o período considerado (desde o início da crise até setembro de 2009), sendo que a maior queda ocorreu na indústria geral (-9,7%), seguida pelo segmento têxtil (-8%) e pelo segmento de vestuário e acessórios (-6,2%) (gráfico 1).

Entre o último trimestre de 2008 e o primeiro trimestre de 2009, a evolução da produção física foi superior à variação apresentada entre o terceiro e o quarto trimestre de 2008, mas ainda foi bastante negativa, especialmente para o total da indústria geral, que mostrou uma grande variação de -6,7% em relação ao quarto trimestre de 2008, também bastante relevante para o segmento de vestuário e acessórios (-5,6% em relação ao trimestre anterior) e com uma variação de -1,2% para o segmento têxtil.

Já na comparação entre o primeiro e o segundo trimestres de 2009, tanto a indústria geral quanto o segmento de vestuário e acessórios se recuperaram, apresentando uma variação positiva de 3,9% e de 1,4%, respectivamente, no período, e, apesar de ainda negativa (-0,4%, no período), a variação da produção física do segmento têxtil foi suavizada com relação à comparação anterior.

No entanto, é na comparação entre o segundo e o terceiro trimestres de 2009 que se observa um real comportamento de recuperação da indústria têxtil e de confecções. Apesar de terem obtido uma variação da produção física inferior àquela da indústria geral (de 4,1%, no período), os segmentos têxtil e de vestuário e acessórios apresentaram variações significativas e bastante próximas no período considerado (2,6% e 2,3% respectivamente), acompanhando a recuperação da indústria geral.

Gráfico 1 – Brasil: Indústria geral e Segmentos Têxtil e de Vestuário e Acessórios: variação da produção física contra o trimestre imediatamente anterior (III/2008 a III/2009)



* Com ajuste sazonal.

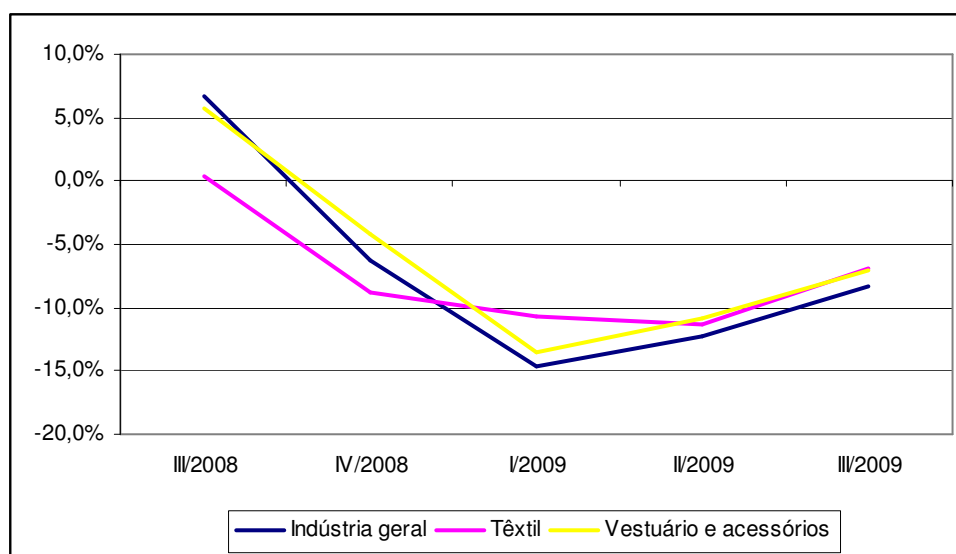
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/IBGE.

Na comparação com o ano anterior, a evolução da produção física da indústria geral e dos segmentos têxtil e de vestuário e acessórios também tem mostrado tendência de recuperação, mesmo que as taxas de variação ainda permaneçam em patamares negativos. Desde o terceiro trimestre de 2008 até o primeiro trimestre de 2009, esses segmentos mostraram, assim como a indústria geral, comportamento declinante na variação da produção física em relação aos mesmos períodos dos anos anteriores, sendo que o período com as maiores variações negativas foi o primeiro trimestre de 2009. Na comparação entre esse trimestre e o primeiro trimestre de 2008, a produção da indústria geral caiu $-14,6\%$, e a produção dos segmentos têxtil e de vestuário e acessórios, $-10,6\%$ e $-13,6\%$, respectivamente (gráfico 2).

É importante que seja salientado o fato de que o ano de 2008 foi um ano atípico em termos de produção industrial, sendo um ano que inclusive superou a série histórica mais recente do comportamento industrial brasileiro, apresentando elevadas taxas da produção industrial nacional. Esse fator contribuiu, além daqueles derivados dos impactos da crise, para que as taxas negativas de variação da produção com relação a 2009 sejam relativamente maiores.

No entanto, no decorrer de 2009, as taxas de variação da produção tornam-se cada vez menos negativas, atingindo as menores variações negativas de todo o período considerado no terceiro trimestre. Na comparação entre esse trimestre e o mesmo trimestre de 2008, a queda na produção da indústria geral foi de $-8,3\%$, superior a dos segmentos têxtil e de vestuário e acessórios ($-6,9\%$ e -7% , respectivamente, no período).

Gráfico 2 – Brasil: Indústria geral e Segmentos Têxtil e de Vestuário e Acessórios: variação trimestral da produção física contra o mesmo trimestre do ano anterior (III/2008 a III/2009)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/IBGE.

A tendência de recuperação dessa indústria pode ser respaldada com a consideração de dados de investimento e do nível de utilização da capacidade instalada (NUCI). De acordo com Villaverde (2009), esses segmentos estão buscando se aproveitar da recuperação da demanda interna (resultante, principalmente, do aumento da massa salarial) para expandir as vendas no varejo. Com isso, têm aumentado o NUCI (que, apenas no segmento de vestuário, alcançou 85,9%, em setembro) e os aportes de investimento, sinalizados pelo aumento no número de consultas no BNDES, que praticamente dobrou neste ano no segmento de vestuário, mas ainda permanece um terço menor do que no ano passado.

Além disso, algumas das empresas mais importantes da indústria têxtil e de confecções nacional, localizadas no estado de Santa Catarina, esperam crescimento de vendas no último trimestre do ano em relação ao mesmo período do ano passado. O Sindicato das Indústrias Têxteis do Vale do Itajaí e região (Sintex) estima um aumento no faturamento de 5% a 10% no último trimestre, podendo ser mais acentuado o incremento no ramo de confecções, pois cama, mesa e banho e fabricantes de tecidos ainda sofrem com a oferta maior no mercado nacional, em razão da retração da demanda internacional e da valorização mais recente do câmbio. De acordo com o sindicato, os números de fechamento de outubro poderão dar um parâmetro mais próximo de como, de fato, será o quarto trimestre para o setor têxtil (Jurgenfeld, 2009).

O comportamento da produção industrial gera impactos na capacidade de geração de emprego formal. Esta análise será tratada no próximo item do presente relatório, que enfatizará a evolução mais recente da geração de vagas na indústria têxtil e de confecções, após sentidos os efeitos da crise internacional.

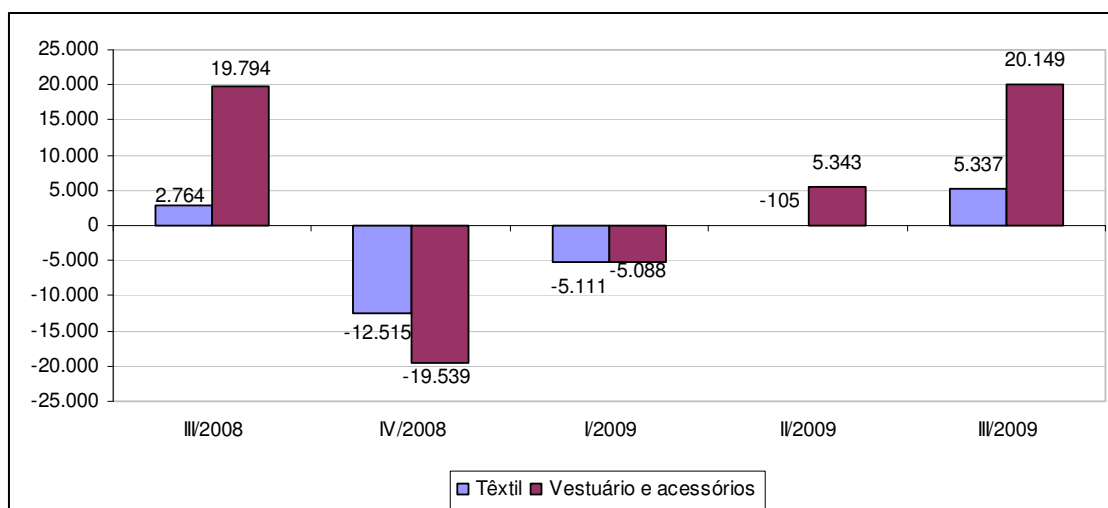
2.2 Emprego

A se analisarem os dados de emprego da indústria têxtil e de confecções é importante, primeiramente, enfatizar a grande importância que esta indústria tem,

principalmente o segmento de vestuário e acessórios, na geração de empregos formais da indústria brasileira. De acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2007, a participação desse segmento no estoque de vagas criadas pela indústria geral foi de 8,8%, enquanto que a participação do segmento têxtil foi de 4,4%, no período. Em 2008, a participação do segmento de vestuário e acessórios e do segmento têxtil na criação de vagas na indústria foi 9% e 4,3%, respectivamente. E, de acordo com dados disponíveis até o final do terceiro trimestre de 2009, essas participações foram de 9,2% e 4,2%, respectivamente, o que indica que a indústria têxtil e de confecções parece se recuperar frente à crise, superando, antes mesmo de acabar o ano, a média das participações de criação de vagas no total da indústria de períodos anteriores.

Assim como ocorre com a evolução da produção física, e como consequência dela, é possível identificar, com base nos dados da tabela 1, uma tendência de recuperação da geração de empregos na indústria têxtil e de confecções após o período de crise. Após o grande impacto sentido pela indústria no último trimestre de 2008, com a perda de mais de 12 mil postos no segmento têxtil e de mais de 19 mil, no segmento de vestuário e acessórios, a partir do segundo trimestre deste ano começa a ser observada uma retomada de vagas no segmento de vestuário e acessórios (cerca de 5 mil vagas criadas no período) (gráfico 3). Além disso, no terceiro trimestre deste ano, ambos os segmentos passam a criar postos, inclusive em valores superiores ao mesmo período do ano passado (mais de 5 mil, no segmento têxtil e mais de 20 mil, no segmento de vestuário e acessórios).

Gráfico 3 – Brasil: Segmentos Têxtil e de Vestuário e Acessórios: geração líquida de empregos formais (III/2008 a III/2009)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

Na comparação entre o período de janeiro a setembro de 2008 e de 2009, é possível observar uma expressiva queda de 99% na geração de emprego no segmento têxtil, passando de cerca de 10 mil empregos gerados nesse período em 2008, para 121, no mesmo período em 2009 (tabela 1). Já no segmento de vestuário e acessórios, essa queda correspondeu a 52%, passando de cerca de 42 mil empregos gerados nos três primeiros trimestres de 2008 para aproximadamente 20 mil empregos gerados, no mesmo período em 2009.

No segmento têxtil, as maiores quedas decorrentes da crise internacional ocorreram nos subsetores de “fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário”, com perda de -3 mil postos no primeiro trimestre de 2009, e de “preparação e fiação de fibras têxteis”, com perda de 1,7 mil vagas nesse trimestre (tabela 1). Além disso, os subsetores responsáveis pela recente recuperação do segmento têxtil foram “fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário”, em que foram geradas 2,3 mil vagas no terceiro trimestre de 2009, e “acabamento em fios, tecidos e artefatos têxteis”, em que foram criadas 1,4 mil vagas nesse mesmo período.

Com relação ao segmento de vestuário e acessórios, observou-se uma significativa perda de 6,4 mil postos no subsetor de “confecção de artigos do vestuário e acessórios”, no primeiro trimestre de 2009 (tabela 1). No entanto, esse também foi o subsetor responsável por empregar 19,6 mil novos postos no terceiro trimestre desse ano, restabelecendo não só a indústria têxtil e de confecções, como a própria indústria geral. Esse resultado foi bastante próximo ao número de vagas criadas no mesmo período do ano passado e, além disso, correspondeu a 10% da contratação de toda a indústria geral brasileira no período.

Tabela 1 – Brasil: Subsetores dos Segmentos Têxtil e de Vestuário e Acessórios: geração líquida de empregos formais (jan-set/2008 e jan-set/09)

	I/2008	II/2008	III/2008	jan-set/2008	I/2009	II/2009	III/2009	jan-set/2009
Fabricação de produtos têxteis	3.756	3.910	2.764	10.430	-5.111	-105	5.337	121
Preparação e fiação de fibras têxteis	1.195	862	-30	2.027	-1.735	-263	382	-1.616
Tecelagem, exceto malha	78	117	379	574	-875	-338	606	-607
Fabricação de tecidos de malha	620	16	-169	467	647	12	645	1.304
Acabamentos em fios, tecidos e artefatos têxteis	636	447	935	2.018	-99	5	1.441	1.347
Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário	1.227	2.468	1.649	5.344	-3.049	479	2.263	-307
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	9.466	13.073	19.794	42.333	-5.088	5.343	20.149	20.404
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	7.798	12.867	19.893	40.558	-6.432	4.892	19.645	18.105
Fabricação de artigos de malharia e tricotagem	1.668	206	-99	1.775	1.344	451	504	2.299

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

De acordo com Galvão (2009), essa tendência positiva na criação de vagas na indústria têxtil e de confecções está relacionada ao bom resultado registrado no mês de setembro de 2009, em que se obteve o maior número de carteiras assinadas no ano. Dentre os setores mais representativos nesse bom desempenho do mês de setembro, encontra-se em segundo lugar, a indústria têxtil e de confecções, com cerca de 10 mil novos postos de trabalho, atrás apenas do setor de alimentos, que contratou nesse mês cerca de 62 mil novos trabalhadores. Para o ministro Carlos Lupi (MTE), a tendência é de que essa situação de geração de novas vagas se mantenha e de que o mês de outubro possa inclusive superar o mês de setembro em número de contratações.

O item seguinte deste relatório analisará o desempenho da indústria têxtil e de confecções no comércio exterior, identificando sua evolução desde a eclosão da crise internacional e suas perspectivas de retomada do crescimento.

2.3 Comércio Exterior

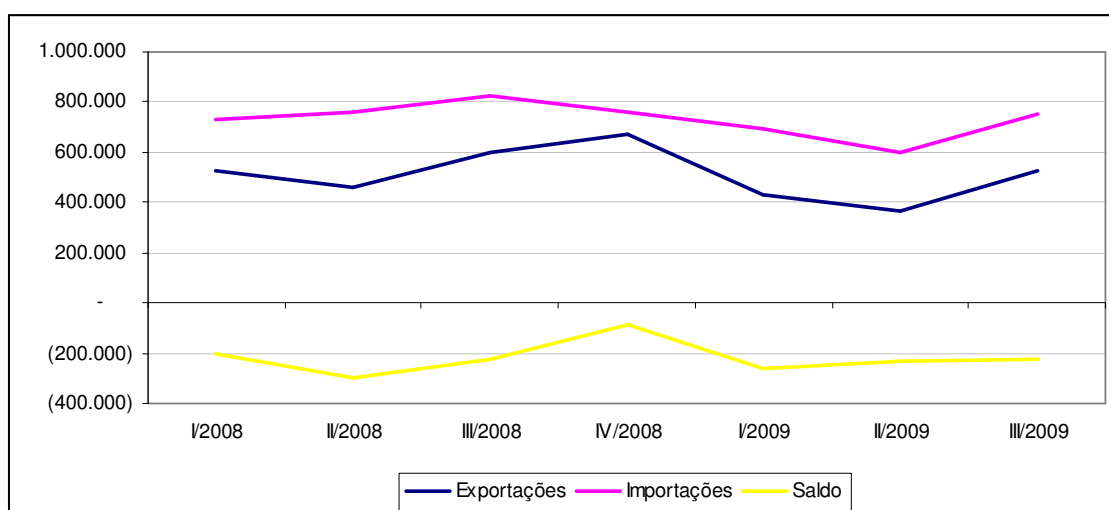
Historicamente, o saldo do comércio exterior da indústria têxtil e de confecções brasileira tende a um patamar negativo, com as importações superando as exportações. Esse patamar se manteve durante os três primeiros trimestres de 2009, e mostra uma tendência de suave melhora com a recuperação das exportações, que aumentaram 46%

entre o segundo e o terceiro trimestres do ano (gráfico 4). A melhora do patamar do saldo comercial brasileiro só não foi superior porque nesse período houve também um aumento do nível das importações (de 26%), impulsionadas pelo recente movimento de apreciação cambial e pelo aquecimento do mercado doméstico.

O gráfico 4 ilustra o grande impacto da crise internacional no comércio exterior da indústria têxtil e de confecções brasileira, com significativa retração de 35% nas exportações e de 9% nas importações, entre o quarto trimestre de 2008 (momento do início da crise) e o primeiro trimestre de 2009.

No acumulado nos três primeiros trimestres de 2009, o déficit comercial da indústria têxtil e de confecções brasileira foi de US\$ 716,8 milhões, e esteve relacionado ao aumento de 35,5% nas exportações e ao aumento relativamente superior de 36,2% nas importações no período (gráfico 4). Este valor é bastante próximo ao déficit comercial observado no mesmo período de 2008 (US\$ 726,5 milhões), momento em que as exportações brasileiras encontravam-se em franca recuperação e as importações, em suave declínio, o que levou ao menor valor de déficit comercial dessa indústria em todo o período considerado (-US\$ 88,9 milhões, no quarto trimestre 2008).

Gráfico 4 – Brasil: Comércio Exterior da Indústria Têxtil e de Confecções (I/2008 – III/2009) (Em US\$ mil)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da SECEX.

Com relação ao desempenho do comércio exterior dos principais produtos da indústria têxtil e de confecções, nota-se que, entre janeiro e outubro de 2008 e o mesmo período de 2009, houve queda nas exportações de todos os produtos da pauta dessa indústria, com destaque para tecidos (-41%), confecções (-34%), fios (-32%) e filamentos (-31%) (tabela 2). Apesar de menores com relação às exportações, as quedas nas importações dos produtos dessa indústria também foram significativas, com destaque para fibras têxteis (-39%), outras manufaturas (-25%), linhas de costura (-22%) e filamentos (-20%), no período considerado. A exceção no desempenho do comércio exterior da indústria têxtil e de confecções ocorreu com a importação de confecções, que aumentou 7% no período considerado. De acordo com Hiratuka e Cunha (2009), esse produto é justamente o mais diretamente relacionado à demanda final de consumo, enquanto os demais são em grande medida insumos utilizados pelo próprio setor de vestuário.

Destaque também deve ser dado aos produtos “fibras têxteis” e “linhas de costura”, que apresentaram saldos de comércio positivos nos dois períodos considerados, sendo que, no caso de fibras têxteis esse saldo foi 7% maior em 2009, e no caso de linhas de costura, 22% menor em 2009, ainda que positivo.

Tabela 2 – Brasil: Comércio Exterior de Produtos Têxteis e de Confeção por produto (jan-out. 2008 e 2009) (Em US\$ mil)

	Exportações jan-out.		Var. 2008-2009 (%)	Importações jan-out.		Var. 2008-2009 (%)	Saldo jan-out.	
	2008	2009		2008	2009		2008	2009
Fibras Têxteis	669.731,37	616.922,32	-8	214.574,21	130.674,14	-39	455.157,17	486.248,18
Fios	90.937,47	61.386,01	-32	523.706,32	477.206,08	-9	(432.768,85)	(415.820,07)
Filamentos	42.178,66	29.119,18	-31	558.332,05	445.525,75	-20	(516.153,39)	(416.406,57)
Tecidos	329.722,33	193.738,56	-41	766.097,59	666.288,45	-13	(436.375,26)	(472.549,89)
Linhas de Costura	13.673,33	10.656,06	-22	2.990,76	2.339,81	-22	10.682,57	8.316,25
Confeções	481.394,22	319.881,66	-34	693.729,53	743.245,89	7	(212.335,31)	(423.364,23)
Outras Manufaturas	377.087,37	286.574,50	-24	489.868,87	365.954,97	-25	(112.781,51)	(79.380,47)

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ABIT.

A tabela 3 mostra os principais mercados de destino das exportações brasileiras, ordenados segundo valores de 2009. Comparando o período de janeiro a outubro de 2009 com igual período do ano anterior, observamos grande redução na demanda dos dez principais países de destino das exportações da indústria têxtil e de confecções brasileira. Em especial, pode-se mencionar a significativa queda das exportações para os dois principais parceiros comerciais, Argentina e Estados Unidos, de -41% e -33%, respectivamente, além da queda de 40% do volume de exportações para o México (7º lugar na classificação) e de 66% para o Paquistão (10º lugar). No entanto, foi também verificado aumento das exportações dessa indústria para alguns países nesse período, como o expressivo aumento das exportações para a China (66%), para Indonésia (43%) e para a Coreia do Sul (29%).

Tabela 3 – Brasil: Principais países de destino das exportações de produtos têxteis e de confecções (jan-out. 2008 e 2009) (Em US\$ mil)

	jan-out/2008	Part. 2008 (%)	jan-out/2009	Part. 2009 (%)	Var. 2008-2009 (%)
1. Argentina	455.554,68	23	267.368,88	18	-41
2. Estados Unidos	306.235,94	15	206.677,12	14	-33
3. Indonésia	94.442,84	5	135.458,32	9	43
4. Coreia do Sul	79.762,94	4	102.736,99	7	29
5. China	37.114,63	2	61.535,18	4	66
6. Paraguai	56.416,96	3	51.775,75	3	-8
7. México	81.022,22	4	48.681,23	3	-40
8. Venezuela	52.095,50	3	44.503,97	3	-15
9. Chile	56.774,15	3	44.407,14	3	-22
10. Paquistão	129.824,59	6	43.898,97	3	-66
Subtotal	1.349.244,45	67	1.007.043,55	66	-25
Outros	655.480,30	33	511.234,74	34	-22
Total	2.004.724,75	100	1.518.278,29	100	-24

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ABIT.

A tabela 4 mostra os principais países de origem das importações brasileiras de produtos têxteis e de confecções, ordenados segundo valores de 2009. Na comparação

entre janeiro e outubro de 2009 e o mesmo período do ano anterior, há destaque para quedas nas importações provenientes da Índia (-37%), dos Estados Unidos (-29%) e da Argentina (-29%). Apesar da queda de 5% nas importações provenientes da China, principal exportador têxtil e de confecções para o Brasil, houve aumento na participação relativa ao total das importações entre os dois períodos considerados, de 36%, em 2008, para 39%, em 2009, o que mostra que a China vem ampliando sua participação nas exportações desses produtos para o País. Por outro lado, foi possível observar também aumentos nas importações de têxteis e de confecções entre janeiro e outubro de 2008 e o mesmo período de 2009 provenientes de alguns países, como Indonésia (11%), e Bangladesh (17%).

Tabela 4 – Brasil: Principais países de origem das importações de produtos têxteis e de confecções (jan-out. 2008 e 2008) (Em US\$ mil)

	jan-out/2008	Part. 2008 (%)	jan-out/2009	Part. 2009 (%)	Var. 2008-2009 (%)
1. China	1.165.110	36	1.108.391	39	-5
2. Indonésia	227.993	7	252.232	9	11
3. Índia	376.240	12	236.976	8	-37
4. Estados Unidos	181.129	6	127.947	5	-29
5. Argentina	168.622	5	119.519	4	-29
6. Coréia do Sul	124.886	4	111.496	4	-11
7. Taiwan	127.237	4	103.983	4	-18
8. Tailândia	86.495	3	80.344	3	-7
9. Alemanha	69.253	2	67.255	2	-3
10. Bangladesh	45.069	1	52.763	2	17
Subtotal	2.572.036	79	2.260.907	80	-12
Outros	677.264	21	570.328	20	-16
Total	3.249.299	100	2.831.235	100	-13

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da ABIT.

Conforme apontado por estudo de Costa e Rocha (2009), além do acirramento da competição chinesa, os principais gargalos da indústria têxtil e de confecções brasileira são: crescente entrada de bens importados (muitas vezes contrabandeados), baixa participação nas exportações mundiais, concentração do comércio exterior nos elos de menor valor agregado da cadeia, especialização em fibras naturais - apesar de o consumo mundial crescer mais para o lado das fibras químicas e dos tecidos mistos -, parque de máquinas com idade média elevada, falta de ações coordenadas na cadeia produtiva, alta informalidade, baixa capacidade técnica e gerencial e dificuldade de acesso ao crédito.

Apesar de ser o sexto maior produtor mundial (responsável por 2,5% da produção total), o Brasil ocupava em 2006 apenas o 46º lugar entre os maiores exportadores. De acordo com o estudo, esses percalços por que passa a indústria têxtil e de confecções brasileira só pioraram essa situação, fazendo com que sua participação nas exportações mundiais recuasse de 0,7%, em 2000, para 0,3%, em 2007, em um contexto no qual o valor do comércio mundial da cadeia cresceu 50% de 2000 a 2006, atingindo a soma de US\$ 530 bilhões, 27,2% dos quais pertencentes à China.

A ameaça chinesa se torna ainda mais fortalecida com a tendência de valorização do real, que, ao mesmo tempo em que atrapalha a exportação, torna as importações mais baratas, o que facilita o abastecimento do mercado interno por produtos chineses no caso de gargalos na produção local. No entanto, para o BNDES, a

apreciação cambial deve ser encarada como uma janela de oportunidade para que as empresas renovem seus parques fabris a custos favoráveis. Isto porque a quase totalidade das máquinas usadas no setor tem origem externa, principalmente da Alemanha, Itália e, mais recentemente, da China.

É apenas com base no desenvolvimento de estratégias inovadoras como essa (um tipo de inovação “de fora para dentro”), que a indústria brasileira de produtos têxteis e de confecções pode defender seu mercado interno e se inserir na disputa pelo mercado global. Além disso, de acordo com Costa e Rocha (2009), é necessário que essa indústria desenvolva produtos de maior valor agregado e diferenciados, dando respostas rápidas às tendências do mercado consumidor.

3 Conclusões

A análise dos dados recentes da indústria têxtil e de confecções brasileira deste quarto relatório setorial mostrou a magnitude dos impactos negativos da crise internacional, desde o final de 2008, e uma tendência à recuperação e crescimento, a partir do segundo trimestre do ano corrente.

Em geral, as reduções sobre a produção física e o emprego acompanharam a tendência observada para a indústria geral, com quedas abruptas, principalmente, no último trimestre de 2008. Com relação à produção física, observou-se que, após o pico de queda de 8% na produção do segmento têxtil e de 6,2%, no segmento de vestuário e acessórios, entre o terceiro e o quarto trimestres de 2008, a indústria parece se recuperar a partir do segundo trimestre de 2009, atingindo taxas de crescimento de 2,6%, no segmento têxtil, e de 2,3%, no segmento de vestuário e acessórios, entre o segundo e o terceiro trimestres do ano corrente.

Os dados de emprego também revelaram, como consequência do bom desempenho da produção, um padrão de restabelecimento da criação de vagas na indústria têxtil e de confecções após os impactos iniciais da crise, que ocasionaram perdas de mais de 12 mil postos no segmento têxtil e de mais de 19 mil, no segmento de vestuário e acessórios, no último trimestre de 2008. Já no segundo trimestre de 2009, o segmento de vestuário e acessórios criou 5 mil novas vagas e no terceiro trimestre deste ano ambos os segmentos da indústria têxtil e de confecções exibiram saldos positivos na criação de emprego formal de mais de 5 mil, no segmento têxtil, e de mais de 20 mil, no segmento de vestuário e acessórios, valores estes inclusive superiores aos obtidos no mesmo período do ano passado.

O comportamento do comércio exterior não foi diferente, apresentando, com base, principalmente, no reaquecimento da demanda interna e na apreciação cambial, elevação sustentada das importações desde junho de 2009, e um significativo aumento das exportações entre o segundo e o terceiro trimestres deste ano (aumento de 46%, no período), sinalizando também uma recuperação da demanda internacional. Como era de se esperar, o saldo do comércio exterior brasileiro se manteve deficitário durante os três primeiros trimestres de 2009, com aumento de 35,5% nas exportações e aumento de 36,2% nas importações no período. Esse movimento apenas evidencia ainda mais a ameaça dos produtos chineses, que aumentaram de 36%, de janeiro a outubro de 2008, para 39%, no mesmo período em 2009, a participação no volume de importação de têxteis e confecção do Brasil.

A ameaça competitiva da China é considerada atualmente o principal desafio em termos de mercado doméstico e externo para o Brasil. O fortalecimento competitivo é, portanto, a principal estratégia a ser adotada por essa indústria e deve estar baseada, principalmente, em investimentos em inovação tecnológica, na diversificação e no adensamento das cadeias produtivas.

Esses são objetivos já contemplados por diversas políticas públicas direcionadas à indústria têxtil e de confecções. Dentre eles destacam-se a Política de Desenvolvimento Produtivo (MDIC), que estabelece programas estruturantes voltados ao fortalecimento competitivo da indústria nacional, e o Plano Estratégico Setorial (PES) de Têxtil e Confecção, desenvolvido para aumentar a cooperação com os setores público e privado, através da criação de comitê gestor específico para tanto.

Ambos os projetos enfatizam a importância da ampliação da competitividade dessa indústria, sobretudo, com base na modernização, na consolidação empresarial, no fortalecimento da cadeia produtiva, no desenvolvimento de produtos de maior valor agregado, na necessidade de se expandirem as exportações, através da desoneração da produção e dos investimentos e através do combate a práticas desleais de comércio. Além disso, a ABIT (2008) considera, para o alcance dessas metas, a importância de se reverem velhas questões, como a ampliação do acesso ao crédito e a financiamentos (principalmente para as pequenas empresas), a manutenção das taxas cambiais a níveis impulsionadores do comércio, assim como a ampliação dos acordos internacionais e a desoneração da carga tributária.

Essas medidas são importantes não apenas para que a indústria têxtil e de confecções supere os altos impactos imediatos provenientes da crise internacional, com efeitos na contração da demanda e na escassez de crédito, mas também para que seja estruturalmente fortalecida, atingindo, a prazos mais longos, uma sustentabilidade competitiva que lhe permita ampliar sua participação no comércio interno e externo, assim como reagir às ameaças da concorrência internacional, em particular, chinesa.

4 Referências bibliográficas

- Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT) (2008). *Boletim ABIT*, Ano III, nº 8, julho de 2008.
- COSTA, A.; ROCHA, E. (2009). Panorama da Cadeia Produtiva Têxtil e de Confecções e a Questão da Inovação, *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 159-202, mar. 2009.
- GALVÃO, A. (2009). Indústria reage e puxa contratações em setembro, *Valor Econômico*, São Paulo, 15 de outubro de 2009.
- HIRATUKA, C.; CUNHA, S. (Coord.) (2009). *Relatório de Acompanhamento Setorial (Número 3): Têxtil e Confecção*. Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial, Acompanhamento Setorial e Panorama da Indústria. Convênio: ABDI e NEIT/IE/UNICAMP. Campinas/SP: Julho de 2009.
- JURGENFELD, V. (2009). Setor têxtil de SC espera crescer até 10%, *Valor Econômico*, São Paulo, 05 de outubro de 2009.
- Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). *Política de Desenvolvimento Produtivo: inovar e investir para sustentar o crescimento*. Maio de 2008.
- VILLAVARDE, J. (2009). Investimento, às vezes, segue alta da produção, *Valor Econômico*, São Paulo, 15 de outubro de 2009.